

BELAS ARTES



Belas Artes

LUIS SAGASTI

*Tradução de
Fernando Miranda*



© Editora Moinhos, 2019.

© 2011, Luis Sagasti, por acuerdo con Eterna Cadencia Editora

Edição: Camila Araujo & Nathan Matos

Assistente Editorial: Sérgio Ricardo

Revisão, Diagramação e Projeto Gráfico: LiteraturaBr Editorial

Capa: Editora Moinhos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

Elaborado por Odilio Hilario Moreira Junior – CRB-8/9949

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura italiana : Romance 853
2. Literatura italiana : Romance 821.850-31

Todos os direitos desta edição reservados à Editora Moinhos

editoramoinhos.com.br

contato@editoramoinhos.com.br

SUMÁRIO

1 Vagalumes	11
2 Haicai	17
3 Cordeiros	55
4 Enuma Elish	67
5 Tinnitus	75
6 Bolhas	87
7 Pirlampos	95
8 Vagalumes	97
Apêndice	101
Agradecimentos	103



A Camila e Jeremias



*Ahí va el Capitán Beto por el espacio,
la foto de Carlitos sobre el comando
y un banderín de River Plate
y la triste estampita de un santo.*

Luis Alberto Spinetta



I VAGALUMES

O mundo é um novelo de lã.

Uma meada cuja ponta não é fácil de achar.

Às vezes, alguém agarra uma parte da superfície, a puxa, fica segurando um pequeno pedaço do fio e, de um só golpe, o corta. Depois, se outra ponta é encontrada, haverá tempo para atá-las. Uma receita de cozinha.

Algumas pessoas pensam que o mundo é um novelo de lã de um cordeiro que foi sacrificado há muito tempo, para que todo mundo possa se proteger.

E acham reconfortante essa ideia.

E há aqueles que pensam que na verdade o mundo está preso por fios. Como se a verdadeira meada estivesse em outro lugar. Então, são publicados títulos e mais títulos que tentam explicar coisas como *quem move os fios do mundo*. Capa de revistas: sobre um fundo negro, dois olhos ameaçadores. E há escritores que escrevem livro sobre esse tema. Tudo isso não passa da famosa teoria das conspirações. Explicação que é resultado de uma preguiça intelectual extraordinária: um grupo de homens decide tecer a trama de nossas vidas. Sem mais nem menos. Porque: a) são bons e puros; b) querem preservar seus rendimentos; c) são maus, muito maus; d) guardam um segredo que se fosse descoberto por todos nós, seria o fim para nós e, claro, para eles. Para quem leia o mundo dessa maneira, qualquer conspira-

ção, porque as conspirações sempre existiram, sabemos, é o resultado visível de uma conspiração maior. E as pequenas conspirações estão todas relacionadas entre si. O homem não chegou à lua; Paul McCartney morreu em 1967 e foi substituído por alguém igual a ele; Cristo desceu da cruz, teve gêmeas com Magdalena; Shakespeare é Francis Bacon; a Logia Lautaro é uma ramificação da maçonaria, que é uma ramificação da Rosa Cruz, que é uma ramificação dos gnósticos, e a árvore fica tão grande que além de não permitir ver o bosque, enche tudo de sombras, onde aparecem então os dois olhos negros ameaçadores, que querem que saibamos que há alguma coisa que é melhor não sabermos. Porque, e isso sim que sabemos, os conspiradores sempre deixam pistas, como se tudo não passasse de um jogo de esconderijo. Para as pessoas que pensam dessa forma, qualquer segredo se constitui num complô, porque, quando se conspira, se respira bem baixinho, em uníssono, do mesmo modo quando um segredo é contado.

Ninguém deveria acreditar nelas, mas sim nos segredos. Pois no fim das contas, a infância não era outra coisa senão o desvelamento progressivo de segredos bem guardados. Revelar tudo de uma vez só, não é revelar nada. A escuridão mais pura e a luz mais branca cegam da mesma maneira. Ver que nosso presente de dia de reis já foi comprado pelo nosso pai pelos próximos cinco anos.

Como saber quando não existem mais segredos? Quando é possível saber uma coisa dessas? Ou será que não há nada para saber?

Há segredos que fazem que o mundo funcione de determinada forma. Mas não deveriam ser chamados de segre-

dos. Seria mais prudente dizer *omissões*. Para que a máquina continue funcionando é melhor não dizer certas coisas. Toda família guarda um terrível segredo que, ao ser pressentido, cai no silêncio.

E há quem acredite que existem fios que sustentam o mundo *desde dentro*, como se o mundo fosse um grande novelo e nós fôssemos algo como insetos, formigas, moscas, dando voltas e sobrevoando em volta dele. Uma meada em que alguém tece alguma coisa. Ou talvez ninguém teça nada de nada. Um enorme cachecol sem Penélope, crescendo sem sentido no silêncio eterno dos espaços infinitos.

Do que sim temos certeza é que faz milhares de anos que a meada dá voltas sem parar.

Disso já sabiam os primeiros xamãs, bastava olhar as estrelas.

Não dá para ver bem as agulhas nem o pulôver ou o cachecol que sai disso tudo. Quem experimentaria. Um deus morto de frio na imensidão do espaço ou um deus que é o espaço a duzentos e setenta graus abaixo de zero, imóvel, congelado, observando que na meada giratória aparecem, de tempos em tempos, insetos fosforescentes que parecem vaga-lumes, que aparecem de um lado e do outro do novelo, como se pudessem atravessá-lo. Atravessá-lo, sim. De um lado a outro. Apenas esses vaga-lumes parecem fugir das agulhas. Ou talvez eles mesmos sejam as agulhas.

Lá fora faz frio; lá em cima faz frio. Sim, as estrelas no céu: centenas de milhares de graus e o zero absoluto é a distância que se cultiva entre umas e outras. A linha reta que une as Três Marias, por exemplo, é uma agulha de gelo mantido a duzentos e setenta graus abaixo de zero. Todas as constelações são feitas com agulhas de gelo que refle-

tem enormes animais que se escondem em algum lugar desse planeta-novelo.

Entre os homens deveríamos procurar apenas os vaga-lumes; o resto são animais cuja forma congelada (geada) se reflete nos céus.

Deveríamos nos transformar em vaga-lumes?

E desde que pela primeira vez os homens levantaram a cabeça e observaram as estrelas e começaram a diferenciar, através dos fios invisíveis de prata que as unem, começaram também a contar a história. De por que o novelo dá voltas para regressar todo ano ao mesmo lugar; quem é o costureiro, o grande animal, a grande rena, o grande urso, a grande lebre que com essas agulhas de gelo tece seu pulô-ver para proteger quem vai ali, já que sua pele é tão branca como seus próprios ossos. E durmam o sonho sem imagens e se transformem, claro, no sonho de outros. Ou ofereçam material para sua insônia.

Lá em cima faz muito frio. Por isso a história do grande pulô-ver é narrada junto ao fogo. E uma vez atrás da outra. E lá de cima, sentado na borda das agulhas de gelo que separam as estrelas, se consegue ver o fogo faiscando?, se pode ver a luz das cavernas?

Homens insetos, como um novelo, reunidos em volta do vaga-lume, que com seu relato ilumina a noite.

Faz frio lá fora. Convém sempre começar por onde faz frio, ou por onde haja líquido. Essa é a ponta do novelo. Para assim chegar mais tarde ao calor da boa terra.

Por onde começar, se não encontramos a ponta e não queremos romper a meada?

Começar pelas bocas abertas dos que diante do fogo escutam a história do novelo, por exemplo. Ou a boca aberta dos que morrem de frio.

Sempre que é a *primeira vez*, a boca se abre. Reproduz o abismo gelado que distancia as estrelas.

A respiração se detém no começo e no final. Sempre. A boca se abre. Ou os olhos, que são duas bocas que engolem tudo. O mundo cabe no corpo e assim que o ocupa completamente, explode contra o solo e sai em um grito. Ou em um suspiro.

Um, dois, três, e o *quatro* que não é pronunciado, a banda que não respira, e aí sim, a música das esferas começa a soar.



2 HAICAI

Durante o inverno de 1943, um dos mais duros de que temos lembrança, também porque ninguém tinha nada no estômago, o Stuka conduzido pelo oficial Joseph Beuys foi atingido por um caça russo após um breve combate no céu da Crimeia. Lá embaixo, o frio fazia com que as folhas dos abetos ficassem transparentes: os bosques translúcidos, um jogo de espelhos azuis que fazem o avião se partir em centenas de fragmentos antes de tocar a terra. O rosto de Beuys passa como um raio pelos espelinhos de neve pendurados nas árvores. Os espelhos de neve como minúsculos haicais perfeitos. Tudo não dura mais que uma centena de anos que se ajeitam muito bem para caber num piscar de olhos. Fazia quase dois dias que a neve caía devagar, espalhando partículas de silêncio nos galhos, no solo. A neve absorve parte do barulho do avião se desfazendo, porém o som de milhares de espelhos quebrados chega ao ouvido atento dos tártaros. A perícia ou a sorte do piloto evitaram que o avião caísse de ponta e explodisse. O oficial Beuys, gravemente ferido, é resgatado inconsciente e quase congelado por um grupo de tártaros nômades que ignoram a guerra. Nesses anos todos, aprenderam que quando se escutam trovões sem tormenta, a melhor coisa é se refugiar debaixo das árvores maiores. O copiloto quebrou o pescoço. Se chamava Gunnar Vogts. Nunca se soube onde seu corpo foi parar.

Durante um tempo que Beuys não podia calcular, a morte o vigia de perto, mas o xamã dos tártaros a mantém afastada: com gordura animal, unta os ferimentos do aviador, enrolando-o num feltro: a pele da lebre é a melhor coisa para proteger alguém do frio; recita as preces que aprendeu numa das três noites em que não há lua. Em dois dias, a morte vai rondar em outro lugar. Ao voltar a si, o aviador começa a falar em um idioma de palavras feitas de febre, inseparáveis umas das outras, incompreensíveis até mesmo para o xamã, que conhece a linguagem dos animais. O homem que caiu do avião tem os olhos claros, lábios grossos. Está tonto demais para que o medo possa se expressar na sua face. Os tártaros o mantêm desperto durante a maior parte do dia, sempre enrolado no cobertor de feltro. Mais parece uma múmia. Descansa diante de uma fogueira que não viu ser acesa. Treme (de frio). Não sabe direito quando está sonhando e quando não está, se está quente ou frio. Imagina acordar no meio da noite. Vê coisas. Ou não, talvez não veja nada. É provável que não veja nada. O cérebro é uma panela no fogo. Os neurônios são milhares de espelhos quietos que refletem sem julgar – nisso consiste sua felicidade. Os tártaros passam na frente dele: são feixes de luz. Os rostos vêm de cima, como se caíssem diante dos seus olhos. Alguns sorriem, outros observam assustados. O xamã aparece de noite e Beuys vê que sua cabeça está acesa. Anos mais tarde, Beuys lembrará ter estado dentro de uma tenda muito grande. O teto era azul destingido e nele se notava – pintadas?, costuradas? – uma série de estrelas amarelas e brancas.

– Tentei reconhecer algumas constelações, mas não consegui: as estrelas se moviam sempre que olhava para elas.

Uma vez o xamã aponta um lugar vazio entre duas estrelas e diz alguma coisa impronunciável para Beuys. No entanto, essa palavra que o xamã repete de vez em quando, apontando para o espaço vazio entre as estrelas, acalma a Beuys.

Ele nem ao certo sabe o que come, mas aos poucos sente seu corpo revigorando. Certo dia, se levanta, sai da tenda e caminha não sei quantos passos, sem precisar de ajuda. Os tártaros o acompanham com os olhos. Um menino se esconde atrás da mãe e espia o aviador. Beuys se vira e o xamã responde com um sorriso.

Em pouco tempo – não sabe precisar se passaram dois ou três dias –, uma patrulha alemã o resgata. Beuys termina sua recuperação em um hospital de campanha. Quem retorna ao combate, dentro de um mês, é outra pessoa, que será sucessivamente condecorada, degradada por rebeldia, presa pelos ingleses e, finalmente, devolvida à Alemanha assim que a guerra acabe. As cicatrizes da cabeça acabarão sendo cobertas por um chapéu de feltro especialmente fabricado com tecido Stetson de Londres. Longos casacos de pele, às vezes coletes de pesca, completam seu uniforme. Pouquíssimas fotos o mostram sem esse traje. Vinte e cinco anos após o acontecido em Crimeia, Joseph Beuys se transforma em um dos artistas mais influentes do mundo.

Em 1969, Kurt Vonnegut publica *Matadouro cinco*. A embarcação insígnia da minha pequena frota, declara em uma reportagem. Leia-se como se leia, e há muitas maneiras de fazê-lo, sempre estará entre as cinco candidatas a

grande novela americana do século XX. Em 1944, Vonnegut é tomado como prisioneiro pelos alemães, após a batalha de Ardenas. É transportado e encarcerado no matadouro número cinco da cidade de Dresden.

A beleza da cidade é um ímã que atrai a ira dos aliados: em fevereiro de 1945, a Florença do Norte, como era chamada, é destruída pelas bombas. Alguns anos antes, os alemães tinham atacado Coventry. Agora recebem a lição: nas joias da coroa não se toca. Vonnegut é um dos sete americanos que sobrevivem. Uma semana antes do bombardeio, sua mãe se suicidava em Chicago. Vonnegut tentará a mesma coisa, e sem êxito, em 1985. O coquetel de comprimidos e álcool que é o mesmo que sua mãe tinha tomado. Depois da guerra, Vonnegut se instala em Nova Iorque. Para além de cínico, a guerra o convertera em um depressivo crônico; bebia e fumava demais.

O protagonista de *Matadero cinco* se chama Bill Pilgrim e é, claro, um alter ego de Vonnegut. Bill pode deslocar-se a diferentes lugares, passados e futuros, de sua própria vida. Acontece de maneira involuntária. Nas primeiras páginas da novela, Vonnegut escreve que muitos anos depois da guerra, o avião que transportava Bill Pilgrim de Ilium a Montreal se chocou com o pico do monte Sugarbush, em Vermont. Todos morreram, menos Bill. O acidente “lhe deixou uma terrível cicatriz na parte superior da cabeça”.

Depois deste acidente, Bill Pilgrim começou a dizer que tinha sido raptado pelos alienígenas do planeta Tralfamadore.

Em outubro de 1992, o museu estatal de Gelsenkirchen publica uma seleção de trabalhos de Joseph Beuys, intitu-

lado *Mensch, Natur und Kosmos*. O volume tem um breve estudo preliminar de Franz van der Grinten. Se trata de uma série de aquarelas pintadas pelo alemão entre 1948 e 1957. Estão desenhadas em folhas de bloco ou papéis de anotação. A maior mede trinta e dois por vinte e cinco centímetros, e apesar de a edição ser muito boa, o traço a lápis da maioria delas é tão fino que custa identificar as formas. Cervos, mulheres, água, árvores pintadas com raios de lua. Nos primeiros, por sua vez, o traço e as cores são mais enérgicos. Na capa do livro aparece um desenho enérgico – muito mais enérgico que todo o resto: um cervo, o primeiro de uma série que não se advinha, duas mulheres, talvez, detrás um vulcão em erupção ou uma árvore, quem sabe, desenhados com traços secos, azuis, nervosos.

A semelhança entre as aquarelas pintadas por Beuys depois da guerra, por volta de 1955, e os esboços do Pequeno Príncipe que Saint-Exupéry desenhou, é às vezes assombrosa. Nos dois casos predomina um certo marrom, âmbar; as figuras, sem peso nem sustentação. Os corpos estão levemente atravessados por manchas. Em Saint-Exupéry, que não era pintor, se nota claramente que são formas rascunhadas, a prefiguração de algo que ainda está longe de ser definitivo; Beuys, por sua vez, que já tinha retornado da guerra, sabe que nada pode senão esboçar-se, prometer o que nunca se dará; suas aquarelas são uma imagem daquilo que se espera (e que se espera que nunca aconteça). Um dos trabalhos de Saint-Exupéry é uma raposa dormindo; o traço delinea o contorno inquieto, e aqui e ali o mesmo traço é vacilante; a raposa não dorme, embora pareça fazê-lo; quer dizer, essa raposa nunca pode dormir, com